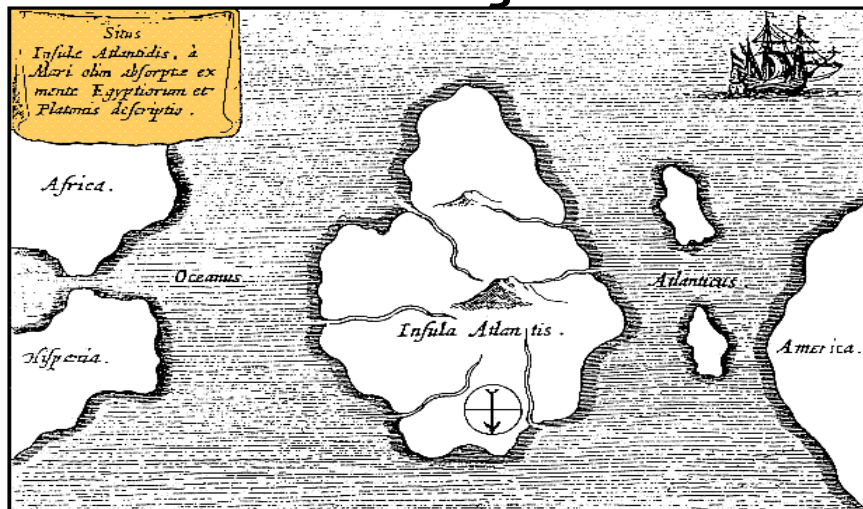


CADERNOS AÇORIANOS



Suplemento 3 MAIO 2010

DEDICADO A DIAS DE MELO

Todas as edições estão em linha em

<http://www.lusofonias.net/estudos%20e%20cadernos%20açorianos/index.htm>

Editor **Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello)

Coordenadoras **Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos**

Os colóquios da lusofonia seguem a nova ortografia desde FEV.º 2009



Editado por

©TM®

Aqui se transcrevem textos em homenagem aos autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia ou pelos seus participantes.

Chrys Chrystello

FOI EM BRAGANÇA NO 8º COLÓQUIO ANUAL DA LUSOFONIA (OUT.º 2009) QUE TEVE LUGAR UMA MESA QUADRADA SOBRE TRADUÇÃO E LITERATURA DE MATRIZ AÇORIANA, ali tive o privilégio de explicar algo que muitos ignoram sobre essa literatura:

Grandes vultos das letras e das artes nasceram nos Açores¹ como Gaspar Frutuoso, o conde de Ávila, Manuel de Arriaga, Antero de Quental, Teófilo Braga, Roberto Ivens, Tomás Borba, Francisco de Lacerda, Canto da Maya, Domingos Rebelo, Vitorino Nemésio, António Dacosta, Carlos Wallenstein, Victor Câmara e Carlos Carreiro. Dos autores contemporâneos de que falarei aqui, selecionei aqueles por quem nutro apreciação. Acolho como premissa o conceito de açorianidade de **Martins Garcia** que,

¹ **Gaspar Frutuoso (1522-1591, historiador); o conde de Ávila, marquês e duque de Bolama; Manuel de Arriaga (1840-1917), Antero de Quental (1842 -1891 filósofo e poeta); Teófilo Braga (1843 -1924 escritor e presidente da República); Roberto Ivens (1850-1898 militar e explorador); Tomás Borba (1867-1950, mestre de quase todos os melhores compositores portugueses do século XX.); Francisco de Lacerda, (1869-1934, musicólogo, compositor e maestro); Canto da Maya (1890 -1981 escultor) que passou a vida em Paris; Domingos Rebelo (1891-1975 pintor); Vitorino Nemésio (1901-1978 escritor, (poeta, crítico, ensaísta, comunicador); António Dacosta, terçeirense (1914 -1990 pintor), poeta da escola surrealista, viveu longo tempo em Paris, Carlos Wallenstein (1926-1990), escritor, ator, cujas obras completas foram publicadas na Salamandra. Outro pintor micalense, que acabou os seus dias em Oeiras, foi Victor Câmara² (1921-1998), o mais fiel discípulo de Domingos Rebelo, representado no Museu Carlos Machado, tendo, em Oeiras, se dedicado ao retrato; Carlos Carreiro (n 1946-), expressionista, com cores vivas, grande pintor, professor nas Belas Artes no Porto.**

admite uma literatura açoriana «enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência»².

A açorianidade literária³ (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração. Martins Garcia não se mostra empenhado em definir a literatura açoriana, mas a sua qualidade estética. Na obra “Para uma literatura açoriana” (1987) afirma:

“... Utilizar um conceito antropológico de cultura para provar a diferença entre os Açores e o Continente é admitir que um traço distintivo viesse a justificar uma autonomia, quando, na realidade, são as diferenças culturais que formam um acréscimo que dão identidade, seja a uma literatura, seja a um povo⁴.”

Em “Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana” **J. Almeida Pavão** (1988) diz

“... sobre a existência de uma Literatura Açoriana... assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Continental. No polo positivo de um extremo,

enquadrar-se-ia a posição de Borges Garcia e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestatário, formado por Gaspar Simões e Cristóvão de Aguiar. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, compendiados na obra A Questão da Literatura Açoriana, de Onésimo de Almeida (1983)⁵.”

Depois de, no meu fervor iniciático, ter sido um adepto da Literatura Açoriana, à medida que lia os mais consagrados e badalados, ficava com uma sensação amarga. Há muitos, mas de qualidade irregular, dir-se-ia duvidosa. Sorri da minha ingenuidade.

Ao ler Dias de Melo, guardei as baleias, o livro intimista “À Boquinha da Noite (2001) e poucos mais. Lera, mas não gostara doutros com um neorealismo primário que nada tem a ver com os livros mais antigos sobre os baleeiros.

Onésimo fora um desapontamento, mas como croniqueiro eram notáveis as piadas que sempre o caracterizaram.

Daniel de Sá tem talvez como uma das suas melhores obras, a novela “O Pastor das Casas Mortas” e obras mais antigas (sobretudo “Ilha grande fechada” (1992). Dele ressalvam-se bons textos nos últimos anos, em livros ou guias de turismo como “Santa Maria Ilha-Mãe”, “S. Miguel, a ilha esculpida” e outro sobre

² http://lusofonia.com.sapo.pt/acoeres/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11

³ BRASIL, Luiz Antônio de Assis. Escritos açorianos: a viagem de retorno - tópicos acerca da narrativa açoriana pós-25 de abril. Lisboa: Salamandra, 2003, p. 14.

⁴ RIBEIRO, Lúcia Helena M. A questão da identidade da terra: a ideia de permanência na obra *Contrabando Original*, de José Martins Garcia. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, 1996.

⁵ O Centenário (1963) (poesia); Esperança-21 (1969) (peça de teatro); Cérebros do Grande Público (1970) (ensaio).

Da Vida Quotidiana na Lusalândia (1975) (estudo); José Rodrigues Miguéis/Portugal in Manhattan (1983) (ensaio).

A Questão da Literatura Açoriana (1983) (ensaio); (Sapa)teia Americana (1983) (contos); Mensagem - Uma Tentativa de Reinterpretação (1987) (ensaio); Açores, Açorianos e Açorianidade (1989) (ensaio).

a Terceira (a publicar em breve, todos da VerAçor). Entretanto, JC lera outros poetas e escritores açorianos espantosos de quem poucos falavam. Martins Garcia era um deles...

Como tradutor no seio desta geografia idílica, não busquei a essência do ser azórico em miríades de variações nem cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionaram a presença humana, para evidenciar a sua especificidade ou açorianidade. Deduzi no decurso da sua tradução características relevantes para a açorianidade:

- 1. O clima inculca um caráter de torpor e de morosidade;*
- 2. Os povos quedam hoje, física e culturalmente, quase tão distantes de Portugal como há séculos atrás;*
- 3. O recorte dos estratos sociais: é ainda vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;*
- 4. A adjacência das gentes à terra persiste ainda imune a aculturações, fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, opondo-se ao centralismo autofágico e macrocéfalo, que regem esses dois submundos como vasos não-comunicantes.*

Dias de Melo escrevia sobre os baleeiros, como se da sua "Cabana do Pai Tomás", no Alto da Rocha do Canto da Baía, na Calheta de Nesquim na açoriana ilha do Pico, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta baleando contra os Vilas e os Ribeiras. A escrita

embrenha-se como o nevoeiro em que os trancadores se debatiam na luta inglória para ganhar a vida.

Resumo o autor a uma frase: **Injustiça Social**. É da sua denúncia que trata ao abordar a emigração, as realidades sociais e económicas, a repressão do Estado Novo e os dramas humanos, na linguagem simples dos homens do mar. Fica-se com a sensação de uma sociedade arbitrária e perversa.

Coube-lhe a sorte de ter recebido homenagens públicas nos últimos meses de vida, quando a VERAÇOR re-editou alguns dos seus livros. Como espetador atento da luta quotidiana e da condição humana, nunca se coibiu de vivê-la e contá-la. Cumprir evitar que essa memória se esvaneça e porfiar para que seja lido pelas novas gerações, pois, como ele escreveu:

"A esperança num mundo melhor já não será para mim, nem para nenhum de nós e eu revolto-me com o que vejo à volta de mim".

Nas ilhas existem interesses esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias com fama fácil e nomes menores da literatura local. Com a paixão de descobrirmos estes autores, olvidamos o conhecimento dos restantes. Deixamo-nos embalar pela açorianidade, a diegese das ilhas, seus costumes ancestrais, o canto das suas sereias... Que, na verdade há inúmeros autores açorianos, mas nem todos eles serão obreiros de verdadeira literatura como Dias de Melo é, sobretudo quando escreve sobre a saga dos baleeiros.

. *****

DIAS DE MELO E CAYMMI: DOIS AUTORES E O MAR

MARIA ZÉLIA BORGES, PROFESSORA JUBILADA NA UPM.

Em 2008, deixaram-nos, nos Açores e no Brasil, dois autores, irmanados pelo idioma, motivados pelo mesmo tema, o mar, mas antípodas na maneira de tratá-lo.

Falamos de Dias de Melo, glória dos autores açorianos e de Caymmi, compositor e cantor querido, motivo de orgulho também dos brasileiros.

José Dias de Melo nasceu em 08/04/25, em Calheta de Nesquim, Ilha do Pico e morreu em Ponta Delgada em 24/09/08, aos 83 anos. Dorival Caymmi nasceu em Salvador, Bahia, em 30/04/14 e morreu no Rio de Janeiro em 16/08/08, aos 94 anos. Nascidos no mesmo mês, abril, embora sob signos diferentes, seguiram caminhos diversos, embora ambos se firmassem, de fato, como artistas.

Dias de Melo foi professor inicialmente, passando, depois a fazer aquilo de que parecia mais gostar: escrever. Criou poesia em menor quantidade, dedicando-se mais ao romance, novela, conto e crônica em dezenas de títulos. Além da obra de ficção, fez, com trabalhos de campo, o levantamento da população baleeira da ilha onde nasceu, organizou uma espécie de dicionário temático da baleação, publicado em quatro volumes pela Secretaria Regional de Educação e Cultura, sob o título de *Vida Vivida de Baleeiros*, com dados biográficos dos baleeiros picarotos. Há quem não aceite que o autor seja considerado a voz dos baleeiros açorianos, mas é como tal que mais o admiramos e, a tal ponto, que nos atrevemos a afirmar: Portugal continental tem seu canto épico n'Os

Lusíadas e Portugal insular tem sua epopeia na trilogia baleeira de Dias de Melo, obra que poderíamos chamar de *Os Açoriadas*.

Três livros compõem a narrativa heroica ou saga a que Santos Barros nomeou "trilogia da baleia" e João de Melo considerou "o ciclo da baleia": *Mar Rubro* (1958), *Pedras Negras* (1964) e *Mar pela Proa* (1976).

Os três livros narram sempre lutas, que veremos por partes:

- Luta dos baleeiros contra as baleias (*Mar Rubro*);
- Luta dos baleeiros contra a inclemência do clima e contra a inclemência do "homem lobo do homem" (*Pedras Negras*);
- Luta contra a procela, as marés e o vento enquanto rememoram a luta contra a aceitação de um destino imposto e contra o homem dominador (*Mar pela proa*).

1. ***Mar Rubro: luta dos baleeiros contra as baleias.***

Melo (1980: 07), escritor que procurou caracterizar, em *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, as diversas vozes de nativos das ilhas que cantaram sua terra, ao prefaciando *Mar Rubro* o apresenta como "narrativa fragmentária cerzida embora por múltiplos pontos de contato [...] não um conjunto de textos avulsos nem um texto integrado por uma sequência de conjuntos lógicos". Aliás, o próprio autor vê a dificuldade de caracterizar precisamente sua obra, chamando os textos que a compõem de "crônicas romanceadas". O prefaciador assim apresenta a obra: "voz e oralidade dum tempo e dum lugar, aqui está a vocação açoriana dum escritor que até hoje sempre ignorou outros universos literários e se fixou e está de

pé ao lado do trabalhador da terra e do mar da Ilha do Pico” (pp. 07, 08).

No segundo texto de *Mar Rubro*, intitulado “Terra de Baleeiros”, Dias de Melo (2008, pp. 32-34) traça um perfil da terra e do mar da Ilha do Pico, dos sonhos e da ambição maior de seus habitantes, que emigram, mas voltam por fim. Arrola nomes de baleeiros e de barcos. Eis o que de tudo isto fala o autor, impregnado de afeto por sua terra e sua gente:

A terra na Ilha do Pico

[...] são belos os seus matos que, no alto e interior da Ilha, se requebram em curvas graciosas de colinas, montes, cabeços, montanhas revestidos de verduras, ou se alargam em ondulações suaves de planuras silenciosas atapetadas de erva abundante e fresca, marginadas e manchadas de longos renques e compactos bosques de cedros e azevinhos, de onde em onde alagadas pela pureza transparente das águas tranquilas de pauis e lagoas: os seus matos — com as nossas pastagens que nos sustentam os nossos gados. E belas estas vertentes que, lá em cima, se desentranham do céu e se despenham e descem até aqui, ao recorte caprichoso e irregular das penedias da costa negra. Belas, salpicadas de magotes de faias, incensos, figueiras, retalhadas de currais de vinha e campos de milho, penteadas pelo perfil das casas modestas, vincadas pelos sulcos cinzento-escuro dos velhos e pedregosos caminhos.

O mar dos Açores

E o mar? E o deslumbramento do mar, com a majestade das suas fúrias em dias de temporal, com a luminosidade do seu

imenso azul quando, limpo o céu de negrumes de chumbo, o sol a tudo e a todos envolve em claridades de vida e alegria? E, neste mar, a epopeia das velas brancas dos botes dos baleeiros recordadas, vaporosas, leves, na neblina das distâncias. E, no porto, o remanso da casa dos botes — O lar comum de toda a gente; e as esbeltas embarcações adormecidas, à espera, sob as suas telhas; e os velhos pescadores de monstros oceânicos a evocarem as suas façanhas espantosas...

Os habitantes da Ilha

Nestes campos, ao longo destes caminhos, não há quem não tenha seu quinhão. Cada qual é senhor da terra que cultiva e da casa que o acolhe.

[...]

Querem-lhe muito os que por cá nasceram. Daqueles que se foram para terras da América, num sonho ancestral de vagabundagem aventureira e cobiçosa, muitos são os que regressam. Primeiro, de quando em quando, a acalmar o bicho resinguento da saudade. Mais tarde, amealhada, ao preço de muitas canseiras, muitos sacrifícios - até de fome - a pequena fortuna ambicionada (ou parte dela) para nunca mais partirem.

Sonhos, no exílio, daqueles que emigraram.

Lá longe, traziam na alma a imagem sempre nítida destes matos, destas vertentes, destes campos, destas penedias negras, deste mar e destas velas brancas dos botes dos baleeiros. E a toada das ondas mansas, e o trovejar dos vagaredos em noites de temporal, que, com as doces cantigas maternas, lhes embalaram o sono de meninos; e as falas graves dos baleeiros que lhes encheram a imaginação de adolescentes com espantosas

estórias de baleias - mais lindas e fascinantes que os contos de bruxas e fadas das avós piedosas e velhinhas.

Tiveram que ir penar mágoas, desbaratar a saúde, enterrar o melhor da própria vida num mundo que não era o deles para atinarem com o encanto de tudo isto.

Ambição maior dos que regressam

E que alegria a do regresso definitivo!

[...]

Com o seu regresso, se concretiza a sua última e mais profunda ambição. Compram uns palmos de terra que acrescentam aos que herdaram dos antepassados; constroem, em sítio vistoso da encosta, a casa em que aconchegam o seu lar; vão à pesca ao Canal nos barcos dos pescadores; arranjam lugar para ir à baleia nos botes dos baleeiros; e, pé em terra pé no mar, como os pais, como os avós, por aqui ficam vivendo esta vida calma de simplicidade antiga, igual à de toda a gente, até que adormeçam para sempre, junto ao mar, no Cemitério do Canto das Canadas, humilde e pequenino.

[...]

Terra de baleeiros — vida de baleeiros.

Nomes de baleeiros

No texto "A casa dos botes" aparece uma primeira lista dos baleeiros (p. 40), lista que não se esgota aqui, pois outros aparecerão no decorrer de novos textos. Apresentamos apenas alguns nomes:

Mestre José Faidoca – tido como o Mestre dos mestres -, que atingiu o cargo de oficial aos dezoito anos, sendo raríssimos aqueles que atingiram tão cedo esta posição (p.51); o Capitão

Medina; Mestre Manuel Faidoca; Mestre Manuel Faidoca Novo; Artur Faidoca; Antônio Faidoca; Mário Faidoca (um nunca mais acabar de Faidocas); Mestre Sebastião Machadinho; Mestre José Domingos; José Caçolha; Mestre João Silveira; Mestre João Graxinha; Mestre Bem-Feito; Antônio Racha que, com seus calafates, reconstrói o bote "Norberto" (p. 40)...

O Capitão Medina é apresentado como arquétipo dos picarotos (p. 64)

O Capitão Medina é a encarnação dos defeitos e das virtudes atávicas de todos nós: do nosso apego a estas pedras negras e a estas águas azuis, da nossa ânsia de partir em busca de novidades, riquezas, aventuras, por essas Américas fabulosas; depois, para os que conseguem lá chegar, da nossa saudade portuguesa, sempre a roer-lhe as entranhas, a espicaçá-los, a empurrá-los para a visita à Ilha que, para alguns, acaba no regresso definitivo.

É interessante notar que o prefaciador João de Melo (1980: 11) não parece muito contente com tais nomes, alegando:

Apresenta-se, a meu ver, uma única insuficiência na construção deste universo romanesco: a probabilidade talvez remota de certos nomes corresponderem a uma representação onomástica insular. Recorda, arbitrariamente, alguns desses tipos caracterológicos: mestres José e Manuel Faidoca, José Caçolha, João Graxinha, Antônio Racha, João Preseta, de Mar Rubro; [...] É pouco provável que estes apelidos, sejam eles legítimos ou de gíria popular, se possam adequar ao contexto essencialmente originário da narratologia do autor. Este aparente desfasamento nada tem a ver com meras suposições de quem esteja de fora;

pode, simplesmente, ser uma constatação legítima que nos venha da infância açoriana do trabalho e do pé descalço, tão povoada de monizes, medeiros, tavares, pachecos, meios e outras cadeias de afinidade interilhas, como marcas perenes do povoamento. Daí eu estranhar que estes nomes raramente figurem nas estórias de Dias de Melo [...].

Nomes de lanchas

Natércia, Medina, Açoriana, Maria, Espartel, Rainha das Ervas, Maria da Fonte, Cigana...

e de botes

Andorinha, Atrevida, Norberto, São José, Cachaço...

Em dois momentos do livro se justifica seu nome **MAR RUBRO**:

[...] E o sangue avermelhava e enegrecia as águas, e as gorduras e as vísceras desventradas derramavam manchas esbranquiçadas, esverdinhas, nas águas – e as águas do porto, com o vaivém das marés, alastravam, vermelhas, negras, esbranquiçadas, esverdinhas pela boca do porto fora. (p. 109)

Sangue! Sangue! O mar já não é azul. O mar, à nossa volta, torna-se vermelho, rubro – sombriamente rubro, sombriamente vermelho. (p. 164)

2. luta dos baleeiros contra a inclemência do clima e contra a inclemência do “homem lobo do homem” (Pedras Negras)

O segundo livro da trilogia, *Pedras Negras*, constitui-se de três partes: a primeira sintomaticamente chamada de “A ilha escorraça a gente”; a segunda parte com dois subtítulos: “Pelos mares do mundo todo” e “Terra da América”; a terceira parte com três subtítulos: “Regresso à Ilha”, “O senhor americano” e “Desanda a roda do destino”. Este livro teve várias edições. Além disso, foi traduzido para inglês e japonês, sendo publicado nos Estados Unidos da América e no Japão. Sua última edição foi nos Açores, 2003, na qual o autor, em breve nota vaticinava: *“possivelmente esta a última edição deste livro em minha vida”* (p. 5).

Seu protagonista é Francisco Marroco, chamado pelo prefaciador, Luiz Fagundes Duarte (2003: 14), de “paladino da açorianidade”. Aparece no primeiro texto, “O ano da fome”, com suas reminiscências da fala do avô que, por sua vez, rememorava tempos difíceis quando a Ilha foi assolada pela fome precedida pela passagem de um ciclone. Ouvia os mais velhos falarem dos abalos de terra, do fogo que surgira das pedras negras da Ilha do Pico. Pedras negras fora das casas, paredes negras dentro, mães embalando seus filhos, cheias de ternura e medo, junto a homens com cigarro no canto da boca e viola de encontro ao peito, enquanto *“andava lá fora o Inverno a rugir... o vento... o mar... a chuva. Na cozinha andavam as sombras a enroscar-se nas paredes negras. Medo... Todos tinham medo...”* (p. 25).

Muito jovem ainda, com doze anos apenas, aproximou-se de João Peixe-Rei, que lhe falava do Ano do Fogo, na Ilha já coberta de pedra: “Pedra por cima da terra, por baixo da terra, a transbordar da terra nos abismos do oceano!” (p. 28) E veio o Ano do Fogo, quando mais sofreram ao que ficavam à volta da

montanha. Com a terra a tremer, dezenas de bocas nas montanhas vomitavam pedras e lavas. *"E quando a terra e o mar cessaram de vomitar fogo e pedra e lava... a Ilha, para aquelas bandas, era um cemitério imenso... horrenda vala comum de cascalho e rochedos fumegantes... que tragara casas, igrejas, terras!"* (p. 31). Por sorte só morreram duas pessoas, ouvira João Peixe-Rei o velho padre dizer. *"E passado o cataclismo, quem pôde meteu-se pelos caminhos do mundo, principalmente para o Brasil."* Os que ficaram na luta com a fome, doença e morte, arrumaram a terra que de novo deu o pão. E João Peixe-Rei dizia: "A Ilha escorraça a gente". E o fazia com anos de seca, de ciclones, e o fogo que não fez promessa de nunca mais rebentar. Sonhava ele também sair da Ilha no navio de Capitão Grilo, que fora pobre na Ilha e embarcara "de salto"³, chegando a capitão de navio. E acrescentava Peixe-Rei: *"Não é a terra do Pico que me há de roer os ossos!"* (p. 36).

Juntos, Francisco Marroco e João Peixe-Rei "deram o' salto"⁴ na barca "Queen of the Seas" de New Bedford.

Vários textos tratam da caça e retalhamento das baleias, das agruras da viagem: racionamento de água e alimentos; alimentos estragados e água insalubre de que se serviam; escorbuto; andança por todos os oceanos do mundo.

Depois de mais de três anos navegados, nas proximidades do Cabo Horn, enquanto se trancava uma baleia das grandes, quando a linha corria desenfreada, antes que o trancador a cortasse, João Peixe-Rei foi levado pela borda do navio num embrulho de linha, gritando, em agonia, pelo filho. Cumpria-se, assim, seu presságio de que não teria seu túmulo na Ilha do Pico.

Ainda machucado pela perda do amigo, Francisco Marroco, na amurada do navio, viu a América. Sem trazer consigo nenhum dinheiro de casa, só então ficou sabendo que não receberia qualquer "soldada"⁵. Esta ficaria para o capitão, segundo explicação de um companheiro: *"É o capitão que a pilha, pra se pagar de te pôr na América."* (p. 68) O mesmo seria feito daquilo a que Peixe-Rei teria direito. Mas a "companha" juntou algum dinheiro que ele anexou em carta para seus pais e para Idalina, viúva de Peixe-Rei, e que deu para a sua passagem de trem para a Califórnia, o Eldorado de seus sonhos.

Após jornadas duríssimas sob o jugo do compatriota Albano Passarinho, que por fim o rechaçou; após mendigar entre miseráveis, encontrou trabalho e guarida junto de outro açoriano, da Ilha Terceira, Miguel Parreira e família, com quem passou doze anos.

Depois de trinta anos, voltou à Ilha e socorreu a viúva de Peixe-Rei, Idalina e seu filho Joaquim, que viviam na miséria, sendo o filho humilhado em trabalhos vis. Emprestou dinheiro a Joaquim para a compra de um bar.

Casou-se com Maria do Roque: na comemoração de seu casamento, o pai "despendurou" a viola do prego ao lado do relógio, onde sempre a guardara.

Seus conterrâneos, acreditando estar ele rico começaram a chamá-lo "senhor americano". Na "caça ao dinheiro do senhor americano" (p. 121, título do texto na página iniciado), apareceu Augusto Bóia, convidando-o, em nome da gerência da companhia baleeira, a comprar-lhe algumas

ações. A companhia estava enfraquecida com o advento de várias armações, estabelecidas nos portos vizinhos, após a morte do Capitão Silvestre e de seu patrocinador, o americano Crown. A companhia baleeira, então sob o comando do filho, John Crown, desgastava-se mais com a baixa nos lucros, a morte de outros sócios fundadores e com o desgaste dos botes em mãos de baleeiros com soldada muito reduzida. Convencido de que era dever de patriotismo ajudar a companhia baleeira, empregou nela dinheiro que lhe voltara da América.

Nessa altura, Joaquim já olhava com ódio aqueles que o humilharam na sua infância e no seu trabalho. Provocou-se a ira de Augusto Bóia, que via na concorrência de Joaquim a causa da decadência de seu negócio e tinha “a alma a transbordar de fel” (p. 133), desejando até tirar a vida do concorrente e mandar “pró diabo o americano” (idem). Joaquim tornou-se mais influente, pelo fato de ser bom comerciante e entender de mezinhas e unguentos para todos os males.

Deposto Augusto Bóia da companhia baleeira, escolheu-se para gerente Joaquim, que não era baleeiro nem sócio. Francisco Marroco caía em descrédito à medida que deixava de acrescentar dinheiro.

Extinguiu-se a navegação a vela, os Crown deixaram o Faial e, não entendendo de contas os gerentes, com procuração, deram plenos poderes a Joaquim.

O novo comprador do óleo de baleia passou a ser Chico

Gaudêncio, de origem suspeita, criado na malandragem, envolvido em negócios escusos com prostituição. Entretanto, se esperava pelo pagamento de peças que fornecia para consertos de botes, muito mais fazia esperar por aquilo que devia. Alargava seus negócios e se estranhava como conseguia dinheiro para tal. Até que mandou à gerência carta cobrando débito em atraso e pedindo o comparecimento, no Faial, de pessoa competente para saldar a dívida. Munido de procuração apresentou-se Joaquim. Ao voltar, comunicou aos gerentes que débitos de quatro anos deveriam ser pagos em seis meses.

Inadimplentes, os sócios deixaram a solução por conta dos gerentes, que passaram a tarefa para Joaquim. Chegando o fim do prazo, recorreram a Francisco Marroco, que se negava a tocar no dinheiro confiado ao Banco. De novo foi Joaquim ao Faial à presença do credor irreductível. Este, por fim, sugeriu ao porta-voz que se tornasse seu representante. Uma vez que a velha armação não poderia sobreviver, Gaudêncio faria de Joaquim o gerente. Dizendo estar o notário por sua conta, a título de pagamento apoderou-se o credor da companhia baleeira. Chico Gaudêncio comprava novos botes na Inglaterra e Alemanha e corriam boatos de que o Banco o financiava. O que não se sabia é que ele não pagava.

Chegou um novo ano de seca e o andaço começou, dizimando a população. Morreu Maria, mulher de Francisco Marroco depois de ajudar ao marido no cuidado de doentes. Faltando água e alimento, falido o Banco, aos açorianos estabelecidos na América mandavam milho para evitar um novo Ano da Fome.

Chegada a hora do acerto das contas, na presença de Chico

Gaudêncio, Joaquim lia as contas. António Marroco, filho de Francisco, também calculava; mas suas contas não conferiam com as de Joaquim e viu que os companheiros temiam Chico Gaudêncio e ainda mais o Joaquim. António ainda tentou questionar, mas sua pergunta caiu no vazio. Joaquim chamou os oficiais para assinar a contas, mas uma voz se levantou impedindo assinatura. Era João Laró, mais velho que todos os oficiais, mas que nunca a tanto chegara, apesar de marinheiro dos melhores. Os baleeiros se juntaram ao seu protesto e saíram em fúria, só ficando os oficiais, "comprados" por Chico Gaudêncio e Joaquim que, metendo-se numa lancha correram até o Delegado Marítimo e mostrar-lhe as contas assinadas. Ao chegarem os baleeiros à Delegação Marítima, foram todos presos. Francisco Marroco, aniquilado, arrastou-se até a vila para ver o filho aprisionado.

3. Luta contra a procela, as marés e o vento enquanto rememora a luta contra a aceitação de um destino imposto e contra o homem dominador (*Mar pela proa*).

O terceiro livro da trilogia conheceu a espécie de mar que lhe dá título — *Mar pela Proa* — ou "mar de proa", regionalismo português para mar contrário; mar que corre em direção oposta à do vento reinante. Assim como os homens cuja odisséia conta, o livro também enfrentou tempo ruim, mar contrário, preso que foi, por seis anos pelo menos, em mãos de quem prometera publicá-lo. Isto é o que nos conta Dias de Melo (1973: 09) em "Nota de Abertura" para o livro escrito em 65-66 e enviado para publicação por editora de Lisboa em 67.

Dias de Melo revela o destinatário e a finalidade deste livro, melhor dizendo, de toda a trilogia:

"Por eles [os muitos homens do Mar ou da Terra ou dos Açores] foi que o escrevi". Pelo muito que sofrem e lutam. Pelo muito que sonham e esperam. Pelo muito que se negam a deixar-se vencer pelo sofrimento e pela injustiça [...] (p. 10).

Daniel de Sá (2008; 06) assim classifica esta obra: "novela em pormenor de romance num ritmo alucinante de conto".

Mar pela proa se desenvolve em dois tempos: o tempo da ação que imita o da urgência da procela, das marés e dos ventos, e o tempo da memória que, relembra, em *flashback*, tempos anterior à ação. A propósito, já houve quem falasse da necessidade de um cineasta aproveitar o roteiro quase pronto de Dias de Melo.

No tempo da memória voltam as ações dos dois livros anteriores, mostrando como os baleeiros chegaram à urgência de se salvarem e a seus barcos tão duramente conquistados, após dez anos da prisão e soltura de João Laró, António Marroco e seus companheiros da companhia baleeira chamada "Armação Baleeira União e Fraternidade" - quanta ironia! - traídos pelos oficiais e dois trancadores.

Às duas personagens vindas de *Pedras Negras* agregaram-se outros baleeiros formadores de outro grupo - "Armação dos Baleeiros Sempre Unidos" -, crismado como Companhia Nova: na lancha "Ilha Morena", o Capitão João Laró, António Marroco e Manuel Garalha; no bote "Cisne", o Mestre Tónico Garoupa, Jó Bacalhau, António Bodego e Francisco Morrincha; no "Pátria", João

Terra Negra, Joaquim Lisboa e Manuel Moleiro; no "Deixa Andar", Mestre Sonicante. Decidiram sair e mostrar os barcos, sua nova conquista.

À saída, um baleeiro "não arreda os olhos da nuvem emborcada no cimo da montanha". (p. 25) "É o *capelo* do Pico" (Idem), dossel que, todos sabem, anuncia mal tempo.

"O mar, até então, tinha "espumas da carneirada branca alvejando no cinzento feio do Canal" (p. 44) E o mar vai mudando:" E o negrume das nuvens, e a rebentação da carneirada branca." (p. 46) Depois: "Mais vento. Mais nuvens negras." (Idem).

Mestre Laró avisara: "Vamos apanhar mar grosso na Ponta da Ilha". (p. 43) E o tempo continua fechando: "Mais vento. "Mais nuvens negras". (p. 46) *Vento - mais vento! - caindo pesado de cima da terra. Respingo de água surriada⁵ no vento. Perto, novelos oiriçados da brancura do embate a crescer, a crescer..." (p. 47) "Ao largo, lá fora, "mar grosso, encapelado, pra lá a bocarra da baía, nas águas da cor de chumbo do canal." (p. 61)*

E tudo piora:

Lamento, grito, voz que de súbito se apaga e por instantes subsiste nos uivos relinchados do mar, nos uivos rosnados do vento (confusão medonha de roncões, latidos, berros, que estoiram nos tímpanos e escoicinham nas cabeças) 卐 o nada que resta, o nada que fica, vagamente pairando, do resfolegar que parou. [...]

Corpos sem coração, sem alma, sem vida, 卐 a "Ilha Morena", o "Cisne", o "Pátria", o "Deixa-Andar, amarradas todas ao mesmo cabo, as quatro embarcações, sacudidas pelas mesmas vagas, batidas pelo mesmo vento, a cáirem para o largo, para a

fogueira das labaredas brancas, a meio do Canal. (pp. 63,64)

O fragor, o trovejar do vento rijo de sudoeste, das vagas de côncavo negro e dorso esverdeado [...] (p. 64).

A lancha e os três botes vinham ligados a um mesmo cabo. Perdeu-se o "Pátria"; mesmo condoídos os companheiros o abandonam; um pouco mais e "nas goelas da cerração, a chuva grada como burgalhau" (p. 75), perde-se também o "Cisne". Em costa muito brava, imprecações e preces, a noite caindo, Sonicante puxou o cabo ficando os dois barcos restantes entregues cada um ao seu destino. Com as primeiras luzes do alvorecer uma lancha aparece e atira um cabo ao "Deixa Andar" e o reboca até o cais.

António Marroco ficou só na "Ilha Morena", entregue ao furor do mar, lutando com "lembranças escaldantes na cabeça, perdido nas trevas da noite, no inferno do vento e do mar". (p. 97) Os companheiros decidem telegrafar para o Faial e pedir ao rebocador holandês que saia em busca de Marroco. O rebocador, em meio à tormenta, passa pela lancha e não a vê. Somente na terceira madrugada percebe terra próxima, mas luta ainda o dia todo; somente à noite, duas luzinhas, que ele sente como "estrelas vermelhas", dois barcos se aproximam e dois homens o encontram prostrado a repetir: "Vencemos... Companheiros... Vencemos..." O narrador fecha o capítulo falando das lágrimas do baleeiro exausto, atordoado e revela o pensamento de Marroco que serve de epígrafe ao livro e se repete no último texto do livro: "Foram três dias - ou foram três séculos? Ou três milhares de séculos" (p. 139).

Num último capítulo, "Chamas reavivadas", narra-se a conversa dos baleeiros sobreviventes, cercados de amigos, reunidos na casa

de Marroco. No dia seguinte ao de sua volta, avaliam os acontecimentos. Daqueles que voltaram da luta violenta contra a tempestade 卐 Mestre Laró, António Marroco, Sonicante e Garalha, convém registrar algumas frases (todas da p. 152):

- *de Sonicante: "Saímos onze do Cais do Pico e quatro são os que restam";*
 - *de Mestre Laró: "Eles apartaram-se da gente... E se a gente se não salvar agarrados uns aos outros, com cada um a puxar pra seu lado é que nunca mais vamos a parte nenhuma";*
 - *de Marroco em resposta a um companheiro que diz estar tudo acabado: "Não! Mil vezes não! Aqui, nada se acabou, porque tudo vai começar de novo! [...] O homem que é homem, não há nada neste mundo que o possa vencer, senão a morte! E nós não estamos mortos".*

Saídos do chamado ritmo alucinante de Dias de Melo, vamos para Caymmi, de ritmo bem mais lento, de "maré baixa", já que nos voltamos para canção popular, fundada no prazer de ouvir; canção de artista que faz coro ao que dele dizem seus amigos, insistindo ele próprio em dizer que é preguiçoso. Na verdade, há nome mais bonito para tal preguiça: é o ócio criativo.

Caymmi viveu sua infância num clima o mais baiano possível, segundo sua biógrafa e neta Stella Caymmi (2001). Ao que consta, a biografia resulta de dissertação de Mestrado na PUC, Rio de Janeiro.

Vinha desde tenra infância sua ligação com o mar. Via do sótão da casa de seus avós paternos, na Cidade Alta, a Baía de Todos os Santos, o porto e o mar de Itaparica na sua amplidão aberta. Também sua ligação com a música vem desse tempo: seu pai, como o da personagem Francisco Marroco, de *Pedras Negras*, guardava sempre o violão na sala. Caymmi aprendeu, sozinho e escondido, a tocá-lo. Sua biógrafa (2001: 360) se vale de Jorge Amado para explicar a têmpera de que se fez o compositor:

Jorge Amado escreveu com muita precisão sobre as raízes do futuro compositor: 'Trazendo nas veias sangue negro e italiano, nascido à beira do mar da Bahia "a Bahia que é a cellula mater do Brasil, onde a mestiçagem determinou e determina as linhas mestras da cultura nacional", fez-se o intérprete da vida popular, o bardo cantor das graças, do drama e do mistério da terra e do homem baiano'. Na literatura Jorge compreendeu como ninguém a miscigenação do povo baiano, expressando-a com imenso talento. Ele enxerga em Caymmi 'o próprio povo do Brasil com sua voz mais pura, em sua melodia mais profunda e eterna'. Como se nele fossem condensadas todas as tendências da miscigenação brasileira, e alardeasse a vitória dessa mesma miscigenação nele, na sua obra e no seu canto.

Caymmi iniciou-se no trabalho no arquivo e expedição de *O Imparcial*, trabalhando por vezes como copidesque. Poucos dias antes de completar vinte e quatro anos, em 01/04/38, pegou "um ita¹ no Norte" e veio para o Rio de Janeiro onde inicialmente fez bico² no jornal *A Nota*, escrevendo anúncios e pequenas notas. Tendo dito a um amigo que "compunha, cantava e tocava um violãozinho", este falou dele a Lamartine Babo, radialista e

compositor, que o levou para cantar na Rádio Nacional.

Caymmi cultivava também o desenho e a pintura, chegando a expor seus quadros com sucesso, mas foi mesmo cantando e compondo que embalou gerações de brasileiros e fez sucesso também nos Estados Unidos. Itália, França, Portugal e Argentina. E poucos entre nós sabíamos, até a biografia escrita por sua neta, que algumas de suas canções praieiras foram traduzidas e gravadas em Israel com cantores e maestro de lá.

Como compositor e cantor, tornou-se conhecido em todo o Brasil na segunda metade da chamada Época de Ouro (1929 a 1945) da música popular brasileira. Em outubro de 1938, sua canção “O que é que a baiana tem” foi escolhida para substituir “Na baixa do sapateiro”, de Ary Barroso, no filme “Banana da terra”, estrelado por Carmen Miranda e que deveria ser lançado antes do Carnaval de 1939. Segundo Severiano e Mello (1997: 182), na sua execução, “Caymmi sugeria a Carmen os gestos, as inflexões que ela repetiria na filmagem [...] Como Carmen insistiu em gravá-la o compositor propôs que os dois a cantassem em dueto, o que realmente aconteceu”. O disco foi gravado em 1929.

Os mesmos historiadores e críticos de música, Severiano e Mello (Idem: 254) apontam três vertentes para obra de Caymmi: “as canções praieiras e os sambas de roda, em que predomina a Bahia, e os sambas urbanos de inspiração carioca”.

Pode causar estranheza ter sido Caymmi chamado “cantor e poeta do mar”, “eterno amante do mar” e até “rei do mar”. Isto porque entre suas cento e vinte obras arroladas pela neta e

biógrafa (2001: 575-578), apenas dezessete podem ser colocadas entre as canções praieiras.

Pode parecer bizarro também estar ele colocado entre os melhores e maiores, no panteão dos músicos brasileiros e, aqui, ter sido escolhido para estudo ao lado de Dias de Melo. Mas achamos que, com apenas três canções, podemos afastar tais estranhezas.

Yemanjá, odoiá

	O canto vinha de longe De lá do meio do mar Não era canto de gente Bonito de admirar	
É doce morrer no mar	Odoiá-ê, odoiá	Sargaço, mar
É doce morrer no mar nas ondas verdes do mar [refrão] A noite que ele não veio, foi foi de tristeza pra mim. Saveiro voltou sozinho triste noite foi pra mim [refrão]	Meu corpo todo estremece Muda a cor do céu, do mar E de repente aparece É a rainha do mar	Quando se for De lá do meio do mar Esse fim de som Doída canção Que não fui eu que fiz Que não fui eu que fiz Verde luz, verde cor Depois desse encontro lindo
De arrebentação	Yemanjá, odoiá	
Saveiro partiu de noite, foi madrugada, não voltou. O marinheiro bonito, sereia do mar levou. [refrão] Querer morrer para viver Nas ondas verdes do mar, meu bem	Eu passei a melhorar E tudo que tenho hoje Agradeço a Yemanjá	Sargaço mar, sargaço mar Deusa do amor, deusa do mar Vou me atirar, beber o mar Alucinado, desesperar Odoiá-ê, odoiá
Com Yemanjá	Fui à roça, dei presente E ela me agradeceu “Você melhorou de vida, Yemanjá, Odoiá-ê, odoiá	Yemanjá, odoiá Yemanjá, odoiá

De fato o percentual das chamadas canções praieiras não chega a um quarto de suas canções. Mas não há impropriedade em se considerar Caymmi “cantor, poeta do mar”. É poeta em face da

simplicidade, do cunho de oralidade de seu texto, se tivermos em conta que sua arte traduz a alma de seu povo, de sua terra. E seu texto é mais para ser ouvido que lido; ouvido, de preferência, na sua “voz de trovão”. Para fundamentar nossas palavras vamos buscar vozes de autoridades em matéria de arte. Sua biógrafa (2001: 488) nos conta o que dele falou o poeta maior, Drummond de Andrade, na comemoração dos setenta anos do compositor:

Que são setenta anos, diante da melodia que não conta tempo, não envelhece, enquanto as modas de cantar se sucedem e quase nada de música existe mais do que uma estação? Não há dia seguinte para o cancionista de Caymmi. A flor que o vento jogou no colo da morena de Itapuã⁷ não murchou ainda. Murchará um dia?

Da poeticidade de suas letras, a mesma biografia (p. 260) diz:

[...] a beleza da letra não a torna poesia, gênero da literatura que prescindir de qualquer apoio além da língua materna, como ensina o poeta Bruno Tolentino. Uma canção de qualidade associada intrinsecamente a uma bela letra inspirada, de modo que não se possa conceber uma sem a outra, tem um imenso valor, sem que para isso ela tenha de mudar de categoria e virar poesia.

Poeta do mar, sim, pela importância de seu canto das praias. Stella Caymmi, secundada sempre pelo avô, na pesquisa para sua biografia, diz (p. 318): “Aliás, foi no ano de 1954 que o compositor lançou o seu primeiro *long play* - um dos seus discos mais importantes - Canções praieiras, com “Saudade de Itapoá”, “É doce morrer no Mar”, “Noite de Temporal”, “Promessa de Pescador”, “O

Mar”, “O Vento”, “O Bem do Mar” e “Quem vem Pra Beira do Mar” [...]

A divindade que os pescadores cultuam é Iemanjá, “orixá do rio Níger, dona das águas, senhora do mar, mãe dos Orixás”, na explicação de Brandi (2001: 566), divindade cuja saudação é “odoiá”, apontada por Barros (2001:250). É na sua “roça” ou “terreiro”, isto é, lugar de seu culto, que levam suas oferendas, e ela agradece possibilitando-lhes progredir na vida. Ao morrerem, as ondas do mar não são sepulcro, mas sim “sua cama de noivo, nos braços de Iemanjá”. Se temem a morte, ao mesmo tempo a desejam por quererem “viver com Iemanjá”.

Caymmi também frequentava cultos e ocupava posição destacada, junto com os amigos Jorge Amado e Caribé, na “roça” da Mãe Menininha do Gantois. Coincidentemente (?), quando o Governo da Bahia, querendo trazê-lo de volta para sua terra, lhe fez doação de uma casa, ele a escolheu na Pedra da Sereia, no Bairro do Rio Vermelho. Ademais, nas palavras de Stella, a canção *Sargaço Mar* é seu testamento musical.

Na juventude, veraneava à beira-mar, na Praia de Itapuã e nela praticava naturismo junto aos amigos. Na idade adulta a cantava com tão bela ginga de voz que sua estreita ligação com a praia, levou as autoridades a criarem ali uma praça, chamada Praça Caymmi. A praça foi, depois, cantada por Vinícius e Toquinho, na canção *Tarde em Itapuã*:

*Um velho calção de banho,
O dia pra vadiar,
Um mar que não tem tamanho*

*E um arco-íris no ar.
Depois na Praça Caymmi
Sentir preguiça no corpo
E numa esteira de vime
Beber uma água de coco.*

*É bom
Passar a tarde em Itapuã,
Ao sol que arde em Itapuã,
Ouvindo o mar de Itapuã,
Falar de amor em Itapuã.*

...

Também não deve ser estranho aproximar Dias de Melo e Caymmi: cada um deles falava do mar a sua maneira. O açoriano via o mar rubro ou chumbo, em vagalhões e vendaval, de dentro do barco onde o baleeiro suava e sangrava na luta pelo seu sustento e pelo respeito ao seu trabalho; já o brasileiro via o mar, em ondas verdes, a partir da praia. Seu pescador achava doce morrer no mar “bonito, bonito”, certo de nele ver surgir Iemanjá, presenteá-la e ser por ela recompensado e, por fim, com ela viver.

Em síntese, Dias de Melo criou texto épico, vendo no mar um espaço de luta, onde se travava um embate por justiça social. Caymmi fez texto lúdico, ligeiro, de canção popular, cheio da malemolência baiana, cantando o mar como espaço de lazer, mesmo falando do trabalho e do culto à divindade que nele se exerce.

Com gênero e estilo diferentes, foi igual o amor que os motivou. Se um fez crônica romanceada, que nos dá conhecimento das lidas e lides dos baleeiros; o outro, em seu canto, fruiu da beleza e

doçura do mar. Um arrebatava, comove, o outro embala, provoca vontade de dançar. Todavia, ambos nos tocam profundamente.

De uma coisa estamos certos: se nos Açores se diz que Dias de Melo “escrevia”, no Brasil se pode dizer que Caymmi “vivificava”. Agora mortos, um deixa de escrever e o outro de cantar, mas ambos continuarão para sempre vivos nos textos e canções que nos legaram.

NOTAS

1. ITA: Regionalismo: Brasil. embarcação que transportava tanto carga quanto passageiros entre o Norte e o Sul do Brasil (Houaiss)
2. Bico: Uso: informal. m. q. biscate; serviço eventual, de curta duração e não regular; bico (Houaiss).
3. De salto: repentinamente; dar o salto: Regionalismo: Portugal – fugir. (Houaiss)
4. Soldada: salário; soldo de tripulante de navio mercante (Houaiss).
5. Surriada: respingos de ondas ao rebentarem (Houaiss)
6. Segundo Estela Caymmi (2001: 573), letra da primeira versão para feita por Caymmi para o tema de abertura da novela *Porto dos Milagres*, da TV Globo, inspirada em *Mar Morto* de Jorge Amado, veiculada em 2201. A letra sofreu modificações de Dudu Falcão para se adaptar às necessidades do texto. A versão final recebeu o nome “Caminhos do Mar” [...] tema principal da novela”.
7. Da canção “Saudade de Itapoá”, sucesso lançado em abril de 1948. Portanto, em abril de 1984, aos setenta anos de Caymmi a canção já tinha trinta e seis anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDI, Reginaldo (2001) Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras.

CAYMMI, Stella (2001) Dorival Caymmi: o mar e o tempo. São Paulo: Editora 34.

CASTRO, Yeda Pessoa de (2001) Falares Africanos da Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks.

DUARTE, Luiz Fagundes (2003) "Não sei o que é que, no Pico, é ou não é Dias de Melo..." In MELO, Dias de (2008) Pedras Negras. 4 ed. Ponta Delgada: Ver Açor.

MELO, Dias de (2008) Mar pela proa. 4 ed. Ponta Delgada: Ver Açor.

MELO, Dias de (2008) Mar Rubro. 3 ed. Ponta Delgada: Ver Açor.

MELO, Dias de (2008) Pedras Negras. 4 ed. Ponta Delgada: Ver Açor.

MELO, João de (1980) "MAR RUBRO, a ideologia, o trabalho e a forma na novelística de Dias de Melo" In MELO, Dias de (2008) Mar Rubro. 3 ed. Ponta Delgada: Ver Açor.

MELO, João de (1978) Antologia Panorâmica do Conto Açoriano

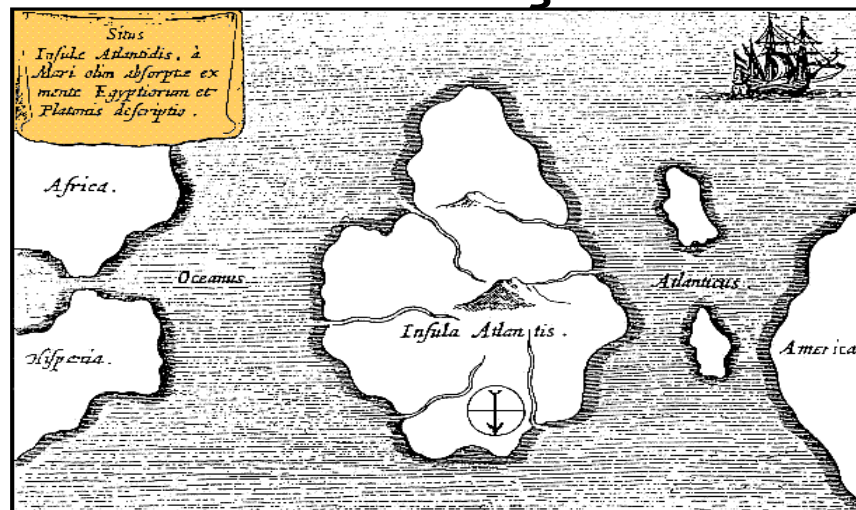
SÁ, Daniel de (2008) "Quando o mar vem pela proa" In MELO, Dias de (2008) Mar Rubro. 4 ed. Ponta Delgada: Ver Açor.

SEVERIANO, Jairo e MELLO, Zuza Homem de (1997/1998) A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras. Vol. I e II. São Paulo: Editora 34.

MARIA ZÉLIA BORGES

Mestra e Doutora em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo. Foi professora titular de Linguística no Programa de Pós-Graduação e na Faculdade de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Destaca-se em sua produção: participação em congressos nacionais e internacionais; pesquisa e publicação de artigos, bem como livro com estudos em Lexicologia e sobre peculiaridades do português do Brasil.

CADERNOS AÇORIANOS



Suplemento 3 MAIO 2010

DEDICADO A DIAS DE MELO

Todas as edições estão em linha em

<http://www.lusofonias.net/estudos%20e%20cadernos%20açorianos/index.htm>

Editor **Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello)

Coordenadoras **Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos**

Os colóquios da lusofonia seguem a nova ortografia desde FEV.º 2009



Editado por

©™®